

Dom. 13/5/88

Possível ou não possível?

por Salvador Raimundo

Dias depois da publicação semanal da rubrica do nosso colega de Informação, Albino Magaia, o «Xitende», com o título Futebol e PRE, o assunto constituiu tema de conversa entre os amantes do desporto, em particular do futebol, tendo-se várias opiniões em torno da questão, como a seguinte: Finalmente tocou-se na ferida...

Com o intuito de recolher opiniões sobre a questão, «Domingo» dialogou com gente directa ou indirectamente ligada ao desporto, actividade que infelizmente movimenta centenas e centenas de pessoas, das mais diferentes latitudes.

POR UM LADO SERIA VANTAJOSO

O primeiro contacto foi estabelecido com um antigo dirigente desportivo, que nos pediu o anonimato, que começou por nos dizer que a profissionalização do desporto, por um lado, seria vantajoso, por outro, desvantajoso no que se refere ao futuro do atleta, a não ser que ele (o atleta) esteja ligado a empresa integradora, com a garantia de continuar a exercer uma actividade capaz de lhe permitir auferir um ordenado mensal, mesmo transferindo-se da colectividade respectiva, disse.

Ai — prosseguiu — poderia afirmar que a profissionalização do futebol é vantajosa. Será que o dinheiro dos contratos é suficiente para o sustento do futebolista por muito tempo, mesmo depois de se desligar da actividade? — interrogou a nossa fonte, para depois adiantar — Concordaria com o profissionalismo para o desenvolvimento desportivo, mas não da forma como o conhecemos noutros países.

A conjuntura financeira não é suficiente para os contratos, prémios, para a resolução dos problemas dos jogadores quando estes, por qualquer motivo, abandonam a actividade. Será que, a título de exemplo, em quatro anos de prática o jogador poderá amassar fundos para o seu sustento no período pós-jogador? — nova pergunta — Há uma desvantagem no que respeita ao futuro do jogador, a não ser que os contratos sejam extraordinários. Isto para dizer que os contratos devem ser elevados, afirmou.

Sobre a integração dos clubes em empresas e instituições, o nosso entrevistado fez questão de afirmar que não posso dizer se está no seu agreste ou não para depois perguntar o que é isso? É a empresa integradora ou o clube assumir essa integração. Sabe o que é integração no seu contexto geral? Se é de facto para servir de suporte dos clubes, inclui, na totalidade, a garantia do emprego aos jogadores-estudantes que concluem os seus estudos?

Quando um dia chegar a compreender isso, poderei fazer um balanço sobre as integrações dos clubes, porque sempre temos que pôr em defesa o futuro do jogador, destacou.

Até hoje não consigo entender as integrações, não conheço, no seu contexto geral, em que é que um clube desportivo beneficia, fora das condições primitivas. Um estudante-jogador e um simples jogador, enquanto o primeiro apenas auferir como jogador, o outro beneficia de dois vencimentos, ou prémios, no clube e na empresa integradora.

Nos tempos da AFA (Associação de Futebol Africana), os clubes, em comemorações dos seus aniversários, organizavam festivais para a angariação de fundos, mas áreas culturais e desportivas chegando a convidar colectividades da África do Sul, ou com a participação de clubes locais. Nessas ocasiões, era notória a vontade de se empenhar com vista à obtenção de lucros para a agremiação desportiva, pois para além dessas actividades, que convidavam muita gente a adquirir o seu bilhete de ingresso, havia rifas, quinquilharias, venda de disco e aquilo e não podiam fazer mais porque não tinham instalações desportivas, disse ao finalizar.

NÃO É ALTURA DE FORMALIZAR O PROFISSIONALISMO

— Do Rosário, técnico geógrafo

Penso que nesta conjuntura económica actual é difícil que o desporto em geral tenha uma evolução eficaz, fundamentalmente no que diz respeito aos clubes denominados de pequenos, que não se encontram integrados em empresas grandes. Paralelamente a isso, as modalidades que não sejam o futebol irão sofrer cada vez mais, pois os clubes apresentam deficiências económicas e esses desportos irão enfrentar dificuldades, disse Do Rosário, dando início ao diálogo.

A diferença de clubes, em termos de capacidades financeiras, nota-se mais quando se trata de deslocações às diferentes províncias, como acontece agora com os participantes no «nacional» de futebol, onde muitas vezes os clubes sujeitam-se a inúmeras dificuldades. Daí que é difícil acompanhar o ritmo económico actual, disse.

Do Rosário adiantou que perante isso, estaremos estagnados à espera de melhores momentos? Parar significa que com o processo económico instável, quando este

Devia-se repensar nas integrações face à actual conjuntura económica pois parece que nunca mais se pensou em enquadrar os que nunca beneficiaram das integrações e aqueles que, embora integrados, apresentam lacunas, disse o nosso interlocutor, para depois adiantar que existe um desequilíbrio entre as equipas participantes no «nacional» de futebol. Os «pequenos» não são capazes de se comparar com os «grandes», tanto em termos de condições de treinamento como nas restantes condições que uma colectividade deve possuir. Penso que repensar na questão não seria demais nesta fase actual.

SERIA UM PASSO EM FRENTE

— Manuel Costa, adepto desportivo

Manuel Costa, adepto desportivo, sobre o assunto em voga, começou por nos dizer que acho que a profissionalização seria um passo em frente em termos de avanço desportivo, em particular do futebol, e é evidente que isso implica fundamentalmente o empenho dos dirigentes e dos atletas. O mais grave é o jogador não assumir-se profissional, pois penso

tem recebido apoio, e é um abismo muito grande. Uma criança recebe do clube uns quantos metcais para transporte, enquanto um sénior tem direito a somas elevadíssimas.

Por outro lado, os clubes, para passarem a essa fase, têm que estar preparados... Não vou tomar partido nenhum, mas o que tem aparecido nos jornais sobre casos de pancadaria entre dirigentes e atletas, só demonstra uma falta de formação desportiva e humana, tanto da parte do dirigente como do próprio jogador. Se o dirigente deu azo a isso, que era de esperar...

Ainda falando da necessidade de as agremiações desportivas estarem preparadas para a sua profissionalização, o nosso entrevistado disse que os clubes têm que se preparar em termos humanos e não acontecer que os jogadores sejam profissionais mas que o clube não seja.

Outra questão que colocámos a Manuel Costa refere-se à aquisição de fundos para o sustento do profissionalismo no seio dos clubes. Disse: É uma questão de política financeira e penso que não se deve interferir, desde que seja legal. Existem meios para o efeito, e não sei se são rentáveis ou não. Desde que fosse legal a forma de obten-

das suas exigências serem feitas na proporção dos seus apoios. Quero com isso dizer que não é possível aplicar o PRE em termos dos prejuízos, mas esquecê-lo em termos dos clubes, o que se tem verificado nos «campeonatos» nacionais de andebol e basquetebol. As respectivas Federações obrigam os clubes a gastar dinheiro, enquanto elas não gastam nada. As pessoas têm que ser realistas. Saberem exigir o possível. Não vão obrigar um Chingale de Tete a arranjar dois mil contos para vir a Maputo e depois se sentir frustrado — disse o nosso interlocutor para depois acrescentar — penso que se devem desenvolver raios de acção relativamente pequenos e não a realização de campeonatos nacionais, mas sim a disputa entre zonas para melhor custear as despesas financeiras.

Manuel Costa fez questão de afirmar que mesmo com a guerra podemos desenvolver a actividade desportiva, como existem escolas. Vamos devagar, é preciso ter-se a capacidade de reconhecer os erros e avançar.

A finalizar, Manuel Costa disse: Os jogos desportivos escolares não são fáceis de se organizarem, mas a nível de províncias vizinhas devia-se disponibilizar meios para as crianças conviverem, irem a Inhamitanga de barco, com preços relativamente baixos, mediante acordos.

TRARIA VANTAGENS AO FUTEBOL

— Joaquim João

Joaquim João foi outro desportista por nós contactado sobre esta questão tendo-nos dito: A profissionalização do futebol traria vantagens na definição dos estatutos dos clubes, dos jogadores, bem como possibilitaria o crescimento significativo nos clubes de futebol, quer em competições, quer no que respeita ao desenvolvimento individual dos atletas.

Por outro lado, segundo Joaquim João, poderemos, num futuro muito próximo, com a profissionalização, disputar jogos de igual para igual com outros países da nossa zona, da zona central de África e da zona do Magrebe.

Contudo, há a referir que a economia do nosso país é fraca. Com as calamidades naturais que têm assolado constantemente a Nação, tais como as secas, as cheias, as ciclonas bem como o problema da guerra, da fome, da nudez, apenas é possível fazer um profissionalismo moçambicano, o que dependerá das nossas estruturas desportivas porque, a título de exemplo, há países com quase idênticos problemas que os nossos mas em que o desporto é um pouco mais avançado, caso de Angola, que já demonstrou uma grande evolução quer em basquetebol e mesmo em futebol. Em suma, pode-se fazer o profissionalismo mesmo com esses inconvenientes, porque só assim aumentará a qualidade futebolística. Simultaneamente, haverá benefícios financeiros, assistência.

De acordo com Joaquim João, não obstante, não podemos esquecer que ao enveredarmos pelo profissionalismo teremos que ter em conta a expressão investimento. Portanto, com o investimento haverá um benefício mútuo, quer para o atleta como para o próprio clube, através da contratação de jogadores, negócio de jogadores para o estrangeiro. A selecção nacional, por sua vez, será muito forte e passará a dar alegria aos amantes do desporto-rei.

Sobre a forma de aquisição de fundos para a manutenção da actividade desportiva das colectividades não integradas em empresas, o nosso entrevistado disse que os clubes, o aluguer das instalações para efeitos de casamentos, a realização de rifas e outros, contribuirão para o reforço da economia dos clubes. Paralelamente a isso, existem clubes em Portugal, que estão ligados a grandes indústrias. Quero dizer que as integrações são benéficas, o necessário é que existam equívocos, para que também os clubes «pequenos» possam suportar as exigências do profissionalismo, finalizou.



As receitas dos clubes não resultam apenas dos bilhetes de ingresso, mas também das transferências dos jogadores, da publicidade e da realização de actividades extradesportivas, para a manutenção dos recintos desportivos, entre outros

estiver equilibrado, teremos que partir do zero. O necessário é que haja sacrifícios.

Com muitas cautelas, o nosso interlocutor disse, mudando do ritmo com que iniciou. Embora haja um semi-profissionalismo, formalizar isso ache que não é altura própria. Não existe hoje um clube que possa garantir a profissionalização.

Penso que profissionalizar um indivíduo é garantir, é criar condições para que quando este abandone a actividade desportiva tenha algo que o sustente, e penso não existirem agora condições para isso. Muitas vezes as obrigações de rendimento garantem-lhe economias mais vantajosas que uma actividade normal. Um indivíduo que sai do desporto sente-se desequilibrado, não é?

No respeitante à integração dos clubes em empresas e instituições, o nosso entrevistado afirmou: Neste momento quem tira proveito disso são os grandes clubes que, paralelamente, se encontram integrados em grandes empresas, que lhes possibilitam custear despesas em viagens, entre outros, enquanto os considerados pequenos clubes estão abandonados e com um futuro sombrio, disse.

Faço Do Rosário, os clubes pequenos como pequenos animais possuem asmitos referentes às integrações mas nada. Na prática, não se vê uma beneficiação da natureza assistencial prática, daí que o indivíduo é fraco. Não me dá a impressão de que haja integração com as grandes colectividades que usufruem 100% do apoio por parte das empresas integradoras.

que terá que saber enfrentar a diferença entre o ser profissional e o não ser. A única diferença que poderá acontecer é o facto de, no lugar de receber um determinado montante ou uma mobília pela assinatura de ficha no final de cada temporada, assinará um contrato que o prenderá durante o período estabelecido no contrato. Portanto, uma forma diferente de receber dinheiro.

O nosso entrevistado disse ainda que haverá muitos problemas entre clubes e atletas, pelo que todos deverão estar conscientes do que é profissionalismo. Os atletas são obrigados a uma alimentação própria, a treinos mais sérios, se de facto se querem suplantar, e deixarem as bebidas alcoólicas de parte.

Em várias modalidades desportivas — prosseguiu Manuel Costa — qualquer clube que possua um grupo da equipa inicial o rendimento em vez de evoluir diminui, o que já não acontece em outros casos. No profissionalismo há uma dedicação e empenho, e os dirigentes desportivos devem ter em conta todos estes pormenores, dedicando-se à actividade desportiva a tempo inteiro, não o que tem acontecido actualmente.

A mentalização do jogador para ser profissional não é fácil prosseguiu, nem que recorra muito dinheiro é importante. É importante que os clubes elaborem as legislações necessárias. Note-se, contudo, que o processo da profissionalização do desporto levará anos e o trabalho deve começar, talvez, a partir das juniores. Tenho reparado que o futebol das camadas inferiores não

ção de fundos, penso que os clubes deviam seguir com as suas iniciativas, porque penso que se a Electricidade de Moçambique, por exemplo, achar que a integração do Costa do Sol não origina prejuízo para o Estado, poderá continuar a ligação.

Como que a dar maior ênfase às suas afirmações, Manuel Costa disse: Quanto mais for profissional o nosso desporto, mais livres ver-se-ão os clubes das empresas, porque as agremiações precisarão, nessa altura, de um maior poder de iniciativa com vista ao reforço da capacidade financeira, para o sustento da sua actividade.

O que não chego a compreender é o facto de os clubes desportivos só se limitarem a fazer publicidade e à venda de bilhetes de ingresso aos campos de jogos, no lugar de outras iniciativas tendentes à aquisição de lucros, de uma forma legal, claro, disse.

Paralelamente — prosseguiu Manuel Costa — é necessário acabar com alguns vícios criados pelas empresas integradoras, uma vez que com as integrações de clubes em empresas, grande número de dirigentes desportivos das agremiações deixam de ter o sentido de iniciativa, sempre à espera que a empresa integradora atribua, periodicamente, um valor para a manutenção interna da colectividade. Essa largar tem que existir, desde que dentro da legalidade, como disse.

Não há dúvidas que as dificuldades são muitas, mas as estruturas estatísticas do nosso desporto devem ser realistas no sentido de as